



Evaristo Eduardo de Miranda

Mestre e doutor em Ecologia pela Universidade de Montpellier, França, chefe geral da "Embrapa Monitoramento por Satélite". É, além de cientista, profundo conhecedor da teologia espiritual, agente da pastoral da esperança e autor dos livros "Água, Sopro e Luz – A Alquimia do Batismo"; "Agora e na Hora – Ritos de Passagem à Eternidade" e "A Foice da Lua no Campo das Estrelas – Ministrar Exéquias".

VOCÊ TEM SEDE DE QUÊ?

A HERANÇA DAS ÁGUAS INDÍGENAS E LUSITANAS DO BRASIL

Enviado em 17/07/2008

O homem é o único animal capaz de distinguir a água comum da água benta.

L. A. White

A SACRALIDADE DAS ÁGUAS

Em 1998, as malocas ianomâmis viviam dias difíceis. Em busca de ouro, garimpeiros desbarrancavam os rios com bombas e dragas. Revolviam montanhas de areia, formavam poças d'água e lagoas onde os mosquitos da malária proliferavam. Desmatavam, poluíam as águas com mercúrio, construía pistas de pouso improvisadas, rompiam os céus em pequenos aviões e até com helicópteros.

O governo federal interveio. A Polícia Federal e o Exército Brasileiro retiraram os invasores da área. As pistas clandestinas foram dinamitadas. Eram cenas de guerra. À beira do rio Mucajaí, um índio ianomâmi, indagado sobre qual das ações predatórias dos brancos mais o havia chocado, respondeu, sem hesitar:
"Foi ver um homem branco mijando nas águas deste rio!"

Para aquele índio, a água era sagrada. Urinar no rio representava um sacri-

légio, uma profanação sem medida. Seria como cuspir numa pia de água benta. A visão e a preocupação com a água de cada brasileiro têm sede de sacralidade e resultam de um processo marcado pelo povoamento português.

UM VASO DE ÁGUA FRESCA

A batalha de Aljubarrota, no século XIV, definiu a independência de Portugal frente aos castelhanos. Os portugueses foram liderados por D. Nuno Álvares Pereira. Por sua ordem, construíram uma capela, a São Jorge, no local. Lá, onde sua bandeira esteve posta e a peleja foi mais rija. Em um nicho, cavado na parte externa da capela, fica sempre uma bilha. Mantida com água, fresca e renovada, ela fica à disposição do sedento viajante. Portugal celebra sua independência com uma preciosidade: água fresca. Até hoje.

A bilha da capela de São Jorge está cheia de água e de história. Ainda hoje, ela convida todos a beber. Beber de nossa história. A história das águas indígenas e luso-brasileiras também pede para ser bebida. Quem se preocupa com as águas brasileiras deve ter sede de história e de sacralidade.

O ENCONTRO DAS ÁGUAS

No descobrimento do Brasil, a abundância das águas foi logo destacada por homens do Mediterrâneo semiárido e pobre em recursos hídricos. Na carta enviada ao rei D. Manuel, o escrivão Pero Vaz de Caminha informou:
*"Águas são muitas, infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo por bem das águas que tem. Mas o melhor fruto que nela se pode fazer me parece que será salvar esta gente".*¹

As águas brasileiras eram terapêuticas, introduziam e faziam pensar em novas realidades. Os homens que nelas se banhavam fizeram o escrivão pensar na graça de a terra dar tudo por bem das águas. E no batismo e na salvação da alma dos índios. Caminha lembrou-se da água benta.

E ao ler a carta, D. Manuel viu logo águas doces e essenciais à navegação. Como sobreviver no mar por longos períodos, tributários da boa vontade dos ventos, sem água doce? A carta de D. Manuel aos Reis de Espanha, *"dando-lhes conta de todo o sucedido na viagem de Pedro Álvares Cabral"*,

⁽¹⁾ CAMINHA, Pero Vaz de. Carta a el-rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil. Lisboa : Imprensa Nacional, 1974.

faz referência a essa utilidade das águas da Terra de Santa Cruz: *“a qual parece que nosso Senhor quis que milagrosamente ali se achasse, porque é muito conveniente e necessária para a navegação da Índia, porque ali reparou seus navios e abasteceu-se de água”*.²

UMA ARCA DE NOÉ FEITA DE PALAVRAS

No povoamento e na evangelização do Brasil, o desafio de reconhecer e identificar esse universo hídrico coube essencialmente aos jesuítas. Eles realizaram uma catequese de aculturação do Cristianismo na bacia do Paraná, cujo alcance histórico começa a ser vislumbrado. Não havia necessidade de se inventarem nomes para animais, plantas, lagos e rios do Brasil. Eles já estavam nomeados pelos índios. O esforço dos jesuítas foi o de trazer para o português esse tesouro linguístico, seguindo regras precisas e adequadas, sem deixar o processo ao acaso. Os jesuítas fizeram do português uma arca de Noé.

A maioria dos nomes indígenas de rios, lagos, riachos e regatos foi salva no dilúvio da aculturação. As águas das palavras tupis batizaram, deram um banho na língua portuguesa e foram acomodadas, com toda sua sacralidade,

nessa imensa arca linguística, segura e bem calafetada. Os nomes indígenas saíram do Neolítico e foram acolhidos nos campos da escrita³. Essa arca traz até hoje para os gestores de recursos hídricos a sede das águas tupis.

A FERTILIDADE DAS ÁGUAS E ROCHAS TUPIS

Apesar da abundância, em tupi, o substantivo água é diminuto. A água resume-se a uma letra: i (ig). A expressão água verdadeira, água de fato, é ieté. Água doce é icém. Água boa é icatu. E icanga ou iacanga designa a nascente ou a cabeceira de um rio. Iguá evoca a bacia fluvial, a enseada, o rio amplo. Como em iguatinga, baía branca; iguaba, bebedouro da baía; guaíba, na baía, no seio da água e iguape, textualmente, na enseada. Ipojuca é o brejo, o alagadiço. O limo dos rios é chamado de cabelo d'água: igaba. E a água benta é icaraí, palavra muito pronunciada pelos ibarés (padres) jesuítas.

Itu significa salto, cachoeira ou cascata. Falar Salto de Itu é tautológico. Itutinga é o salto branco; itupiranga, a cachoeira vermelha; ituverava, a cachoeira brilhante; ituzaingó, o salto a pique, vertical; itupeva, a cachoeira baixa; ituporanga, o salto rumoroso; itupu, o salto estrondoso.

Itumirim e Ituaçu são opostos: o salto pequeno e o grande. As rochas tupis vertem água, como as de Moisés no deserto. Itapecerica evoca a pedra molhada e escorregadia, típica da umidade da Mata Atlântica. Barueri ou bariri indica o local encachoeirado, a corredeira. Itaim evoca o pedregulho, os pequenos seixos rolados do itaim-mirim ou bibi. E Itaipu, além da hidrelétrica, designa a fonte da pedra, a água saindo entre as pedras.

UM PARAÍSO DE RIOS E REGATOS

Os nomes tupis evocam um paraíso de rios e qualificam suas águas. Iguatemi significa rio verde escuro; itajuí, o rio do ouro; ipanema, água ruim, rio sem peixes e está presente no rio Parapanema, apesar de suas boas águas piscosas. Iperuíbe evoca o rio do tubarão; iporanga, o bonito; ipiúna, o preto; ipiranga, o vermelho; paranapuitã, o pardo; paraopeba, o de água rasa; catuí, o de água boa; ijúí, o das espumas; itinga, o branco e iguaçu, o grande.

Quem foi beber água no Itororó e não achou deve consolar-se com a bela morena. Itororó evoca o rio rumoroso, o jorro barulhento de água, como em chororó. Itaca tem o mesmo significado: rio ruidoso. Ipitá é o rio perene,

⁽²⁾ Carta de D. Manuel aos Reis Católicos. in CORTESÃO, Jaime. A expedição de Pedro Álvares Cabral e o descobrimento do Brasil. Lisboa: Imprensa Nacional, 1994.

⁽³⁾ MIRANDA, Evaristo Eduardo de. A água na natureza e no coração dos homens. S. Paulo: Idéias&Letras, 2004.

aquele que nunca seca. Irecê significa à tona, à mercê da corrente. O Itamaraty, o prestigioso Ministério das Relações Exteriores, em tupi significa água entre pedras claras. A expressão inspirou a arquitetura do seu claro e flutuante palácio ministerial em Brasília.

OS DONOS DOS RIOS BRASILEIROS

Em sua Gramática da Língua Tupi, o padre José de Anchieta mostrou como o sufixo i, no final de substantivos, designa normalmente o rio de alguma coisa. E como os animais são os donos dos rios: Acaraí, dos acarás; Anhembí, dos nambus; Araguari, das araras; Araçari, dos tucanos; Arapeí, das baratas; Capivari, das capivaras; Carandaí, das palmeiras; Chuí, dos chuís; Guaraí, das garças; Guaraçuí, das garças grandes; Inhambuí, dos inhambus; Jaguari, das onças; Iji, das rãs; Iraí, do mel; Ivaí, das frutas; Jacareí, dos jacarés; Jacuí, dos jacus; Jundiáí, dos jundiás; Mucuri, dos gambás; Pacuí, dos pacus; Paratií, das tainhas; Piauí, dos piaus; Piraí, do peixe; Pirajuí, do peixe dourado; Sararaí, das mariposas; Saçuí, dos beija-flores; Sururuí, dos sururus; Siriri, dos siris; Tamanduateí, dos tamanduás; Tapiraí, das antas; Tatuí, dos tatus; Tucuruí, dos gafanhotos; e Uruçuí, das abelhas.

UM TERRITÓRIO LÍQUIDO DO SAGRADO

Nos séculos XVI e XVII, a natureza era um território do sagrado, para índios e portugueses. E não apenas objeto de interesse econômico. Os mesmos rios permitiam a penetração pelo continente e também a impediam. O padre Antonio Sepp, jesuíta austríaco metamorfoseado em guarani, em seus escritos sobre as cataratas do Iguaçu, concluía:

"Esta queda do rio, com seus recifes estreitos e ásperos, o Criador providente da natureza a fez só e unicamente, e ali a colocou para maior benefício de nossos pobres indígenas. Todos os Padres Missionários estão firmemente convencidos disso. É que até aqui já vieram os espanhóis em seus navios, em sua insaciável cobiça de dinheiro. Mas quando chegaram aqui, ouviram: Non plus ultra, nem mais um passo! Tinham, por isso, que voltar para Buenos Aires..."

O conhecimento das águas do Brasil pode saciar a sede de uma humanidade. O jesuíta Rui Pereira, em 1560, escrevendo à Companhia de Jesus, considerou a qualidade das águas brasileiras superior à dos vinhos de Portugal:

"E por amor de Cristo lhes peço que percam a má opinião que até aqui do Brasil tinham, porque, lhes falo verdade, se houvesse paraíso na terra, eu diria que agora o havia no Brasil. (...) saúde não há mais no mundo; ares frescos, terra alegre, não se viu outra; (...) Se têm vinho, há tantas águas que a olhos vistos me acho melhor com elas que com os vinhos de lá... quanto ao de dentro e de fora não se pode viver senão no Brasil, quem quiser viver no paraíso terreal; ao menos eu sou desta opinião. E quem não quiser crer, venha experimentar!"⁴

Os capítulos do livro "Cartas Avulsas" mostram que essa afirmação vale até hoje. Quem não quiser crer, que venha ler, beber e experimentar.

⁽⁴⁾ NAVARRO, Pe. Azpilcueta, s.j., et alii. Cartas Avulsas (1550-1568). Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

